III CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA
Práticas e Processos da Mudança Social
Associação Portuguesa de Sociologia (1996)
CELTA EDITORA

IDENTIDADES SOCIAIS JUVENIS

Alda Teixeira Gonçalves

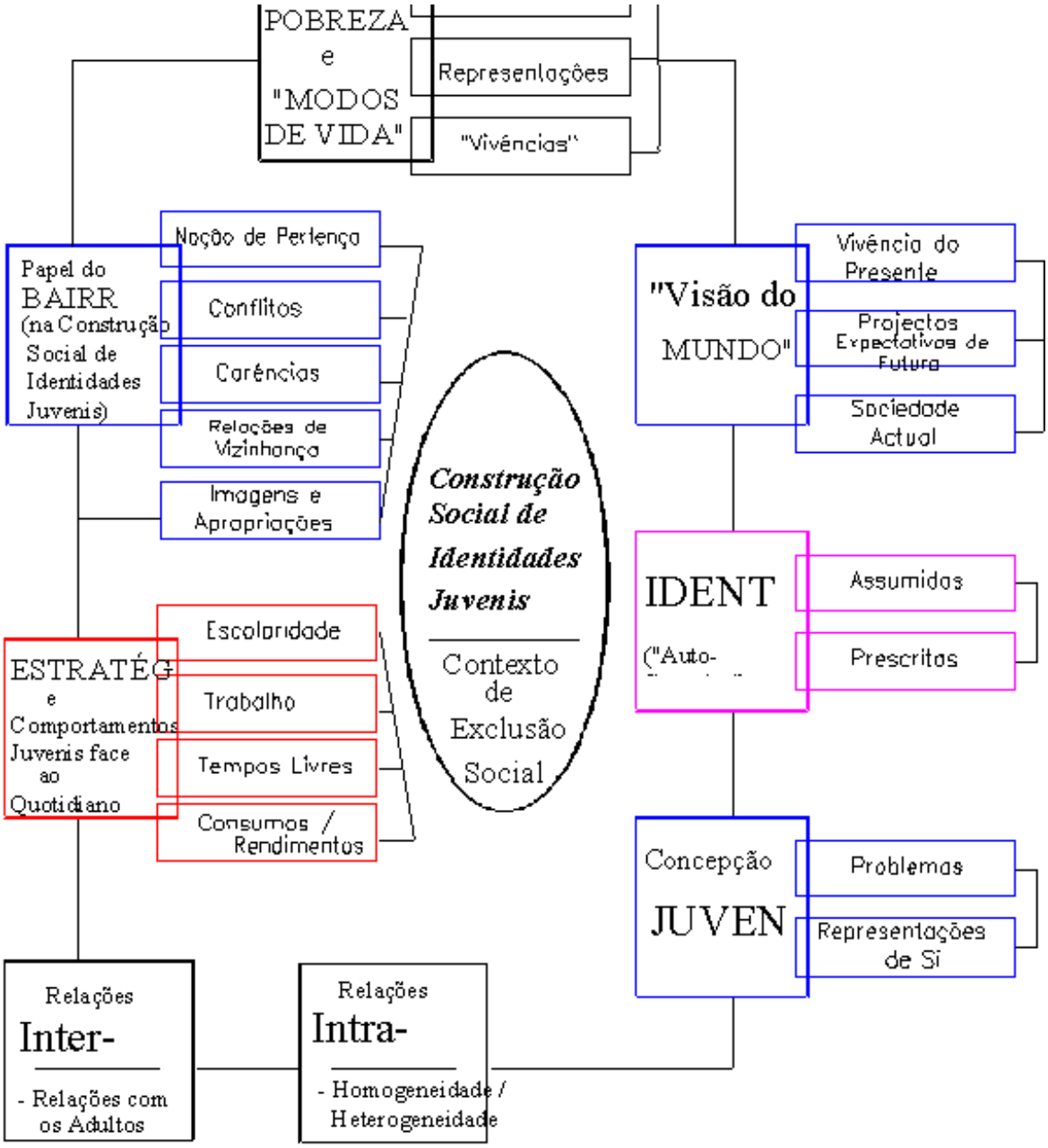
Introdução[1]

Elegeu-se como objecto de estudo “os jovens e os processos de construção identitária, em contexto de exclusão social”.
O objectivo fundamental do presente estudo foi o de tentar perceber quais os referentes mais significativos que se encontram na base de estruturação dos processos de construção identitária de jovens, vivendo em contexto de exclusão social.
Tentou perceber-se se os sistemas de referência e os quadros orientadores dos comportamentos juvenis são idênticos ou distintos e em que assentam (face às gerações mais velhas, face a outros jovens e/ou grupos de pares); que relações de interacção se desenvolvem; que papel assume a origem social e os posicionamentos face à pobreza; a condição perante o trabalho e a distinção de géneros (masculino e feminino), numa época multifacetada em que as mudanças penetram todas as dimensões do social...
A importância de tomar os jovens como objecto de estudo assenta no facto de, cada vez mais, os problemas que se atribuem aos jovens e à sua socialização (ou socializações) tenderem a deslocar-se da esfera exclusivamente familiar, para se tornarem em problemas das sociedades globalmente consideradas.

Identidades Sociais Juvenis: O quadro conceptual

A multidimensionalidade do objecto de estudo obrigou à arquitectura de um quadro conceptual orientador, que se situasse na confluência de diversas problemáticas teóricas, passíveis de uma operacionalização no contexto da pesquisa.
Assim, começou por se efectuar uma problematização sobre os jovens e os problemas sociais que mais os afectam, sublinhando-se que o “conceito de juventude”, além de historicamente recente é também “socialmente relativo”, isto é, os limites etários não são simples limites cronológicos, são essencialmente sócioculturais. Observou-se ainda que os papéis sociais atribuídos à juventude parecem ocorrer numa lógica de subordinação hierárquica face às gerações mais velhas.
Partiu-se então do pressuposto de que são os indivíduos quem, quotidianamente, toma consciência de que existem algumas características específicas em determinados períodos da sua vida. Se estas características afectam um número considerável de indivíduos, “elas são culturalmente incorporadas em determinados modos de vida (Pais, 1990 a): 147)”.
Tornou-se, assim, relevante perceber que concepção fazem de si próprios estes jovens, que percepção possuem dos problemas sociais que os afectam, que relações intrageracionais e intergeracionais se estabelecem, por forma a dar conta das diversidades de uma categoria populacional, muitas vezes, tomada como homogénea.
Um outro eixo analítico considerado situou-se no entrecruzamento das perspectivas sobre a pobreza e os modos de vida, atribuindo relevância à articulação entre os mecanismos estruturais de reprodução da exclusão social e ao papel que os actores sociais desempenham em todo este processo.
Esta perspectiva possui a virtualidade de atender à “diversidade de ser e saber ser pobre”, ressalvando o facto de que nem todas as diferenciações ao nível das práticas e representações dos excluídos poderem ser atribuídas às distinções entre modos de vida.
É na encruzilhada destas perspectivas que, como Gaulejac e

Taboada-Leonetti, se chama a atenção para o facto de que “as orientações valorativas e comportamentais se vêm alterando”. Verifica-se não tanto uma “luta” entre classes sociais, mas de indivíduos solitários, contra a sociedade (e os seus constrangimentos), no sentido de encontrar um “lugar”, isto é, um estatuto, uma identidade, uma existência social. É neste contexto que os jovens (com baixos níveis de escolaridade e fracas qualificações profissionais), numa época de crescente selectividade e rápidas transformações tecnológicas, parecem enfrentar processos mais ou menos longos de “desinserção social”, conducentes a uma “desqualificação da vida quotidiana”.
Todas estas questões se reflectem na estruturação das identidades, nas estratégias e comportamentos face ao quotidiano e ainda na possibilidade de equacionamento de projectos de vida.
Note-se que as identidades são, neste quadro, sociologicamente entendidas, como processos relacionais que integram a percepção e a acção sobre o mundo, articulando simultaneamente um sistema de representações e de imaginários sociais e uma rede de pertenças e categorias sociais específicas. Assim, os indivíduos vão formando um autoconceito.[2]
As identidades constroem-se em alteridade, através de processos de oposição e conivência, de integração e diferenciação, de complementaridades e contradições, permitindo ao indivíduo definir-se.
Tal processo engloba então os atributos que concorrem para a definição da “imagem de si” (identidade “assumida”) e da imagem que os outros fazem do indivíduo (identidade “prescrita”), devolvendo-lha em interacção.
Uma outra dimensão relevante no processo de estruturação das identidades é a dimensão temporal, indispensável ao equacionamento de projectos de vida, de acordo com uma relativa margem de escolha. As experiências passadas, as percepções do presente e as perspectivas de futuro articulam-se no desenrolar de uma “conduta organizada”, tendo como objectivo atingir determinados fins.
Os “projectos” surgem então das relações dinâmicas que se estabelecem entre traços culturais e traços identitários. Tal conceito parte do reconhecimento de uma “racionalidade intencional”, subjacente às acções dos indivíduos, tornando-os capazes de deterem o controlo dos seus destinos, integrando também a dimensão da emotividade.
Por último, refira-se o eixo analítico que privilegiou o espaço de exclusão social (o bairro), como uma dimensão relevante da análise. Este surge equacionado como um espaço social, de enraizamento das acções e inter-relações sociais que, ao implicar níveis de apropriação e de uso, representações e adesões afectivas, se torna um mediador indispensável.
Efectivamente, a exclusão social, a segregação, a desinserção e a degradação habitacional são fenómenos visíveis no espaço (e no tempo), situados no reverso da urbanidade e da requalificação urbana e cujo sentido se descobre na decifração da complexidade das relações que estabelece com os actores sociais.
Tornou-se então necessário perceber que papel desempenha este elemento mediador, referente indutor de significações, ao nível da interacção e que marcas incorpora na construção social das identidades destes jovens.
Desta conceptualização resultou o “esquema analítico” que a seguir se propõe:



Metodologia utilizada

Em estreita relação com o objecto de estudo optou-se por uma “metodologia de carácter qualitativo”, o que se justifica no quadro de uma “pesquisa exploratória” que permitisse enunciar “hipóteses explicativas”, resultantes da interpretação de lógicas comportamentais de acção dos actores sociais, dos quadros valorativos subjacentes às suas experiências quotidianas, bem como das representações básicas para atribuição de significação à realidade social na qual estes jovens se inserem.

As entrevistas

Optou-se então, pela realização de “entrevistas semi-directivas”, através das quais, após a construção do guião, foi possível aceder com alguma directividade e precisão, às questões problemáticas que importava explorar e, simultaneamente, com questões suficientemente amplas, que permitissem obter informações sobre os sistemas de relações e interacções quotidianas.
Neste contexto, procurou-se, como defende Bertaux, garantir a “diversificação” e a “extensividade”, quer dos casos exemplares, quer das problemáticas constantes do guião.

Os entrevistados

Realizaram-se dezasseis entrevistas a jovens, de idades diversificadas (entre os 16 e os 34 anos) e de ambos os sexos, do Bairro da Cruz Vermelha, no Concelho de Cascais.[3]
Quanto aos perfis dos jovens a entrevistar, sabendo-se que neste bairro o tráfico e o consumo de droga exercia forte incidência entre a juventude, optou-se por considerar dois grandes grupos, por forma a melhor perceber e identificar semelhanças e/ou diferenças em termos dos referentes identitários:
— o dos "jovens toxicodependentes" (4 elementos, entre os quais 1 do sexo feminino e mais 1 ex-toxicodependente);[4]
— o dos jovens "não toxicodependentes" (11 elementos, 6 do sexo feminino e 5 do sexo masculino).

A análise de conteúdo

A técnica de tratamento das informações obtidas através das entrevistas foi a "análise de conteúdo". O tipo de análise a que se recorreu foi a da "enunciação", na perspectiva em que Bardin a explicita, pois este tipo de análise "apoia-se numa concepção da comunicação como um processo e não como dado (1979: 169)".
Quanto aos procedimentos estabelecidos no decorrer do processo de tratamento da informação, obedeceu-se às seguintes etapas fundamentais:[5]
1) A transcrição integral das entrevistas.
2) A identificação.
3) A organização da leitura, por forma a obter as *sinopses* das entrevistas.
4) O aprofundamento, através dos procedimentos de análise temática, categorial e tipológica.
5) Por último, procedeu-se à apresentação dos resultados, através de uma análise descritiva da informação recolhida, com o objectivo de dar conta, quer das regularidades sociais, quer das singularidades evidenciadas pelos actores sociais.[6]

O processo de construção identitária (*em função das hipóteses explicativas)*

Em torno da exclusão social e dos modos de vida

No caso desta pesquisa, é possível apontar para a existência de uma dicotomia Intrageracional (reforçando a ideia de diversidade na aparente unidade), responsável pela diferença em termos dos referentes identitários estruturadores das práticas sociais, dos valores referenciais e mesmo dos modos de vida dos jovens em questão. Tal dicotomia remete para uma (expressa) distinção entre "drogados" e "os que não se drogam".
No primeiro grupo, num contexto de precariedade das condições globais de existência, os indícios discursivos apontam para a "toxicodependência", como um elemento estruturador dos modos de vida. Estes jovens parecem sentir-se "abandonados" (pela família, pelos outros jovens, pelas instituições concelhias e pela sociedade em geral) ao seu destino, marcado por um "presente incerto" e por uma nítida "desvalorização do futuro".
Vivendo tempos incertos, que transportam consigo o "abandono", a indiferença e a selectividade, valores tornados substitutos da "esperança", onde o acesso ao emprego se afigura improvável, cedendo lugar ao desemprego (pelas baixas qualificações, pelos baixos níveis de escolaridade de que são portadores e ainda pela condição de dependência face à droga), "em busca de alternativas, são remetidos para a marginalidade", optando por um modo de vida que se designou como "delinquência de precariedade", claramente inscrito numa dimensão de sobrevivência quotidiana.[7]
Vêm assim reforçadas, reconhecem e assumem todas as condições de vulnerabilidade e de exclusão social no mais amplo sentido do termo. Vejam-se as seguintes ilustrações:
"Se uma pessoa é drogada, não temos apoio de médicos, se temos consultas nas instituições, não nos ligam, porque somos drogados, a realidade é esta. Se uma pessoa vai parar ao hospital com uma "overdose", ainda nos dão tareia, depois é que nos tratam. (...) Na GNR, se uma pessoa vai a ressacar, ou estiver como estiver (...) o primeiro tratamento é logo cacetete em cima. Acha que isso é justo?" (E14 - Sexo masculino; Ajudante de Servente — biscates; Toxicodependente; 24 anos).
"O meu companheiro foi preso (...) e eu então passo muito tempo a ir visitá-lo (...) também já fui chamada pra depor em tribunal e as coisas estão assim um bocado complicadas. A gente sempre sabe coisas. Eu como o meu companheiro somos toxicodependente". (E16 - Sexo feminino; Desempregada; Mãe solteira; Toxicodependente; 25 anos)
O grupo dos jovens que não aderem à toxicodependência, por seu lado, estrutura as suas práticas sociais e os seus modos de vida em conformidade com os valores e os quadros referenciais da

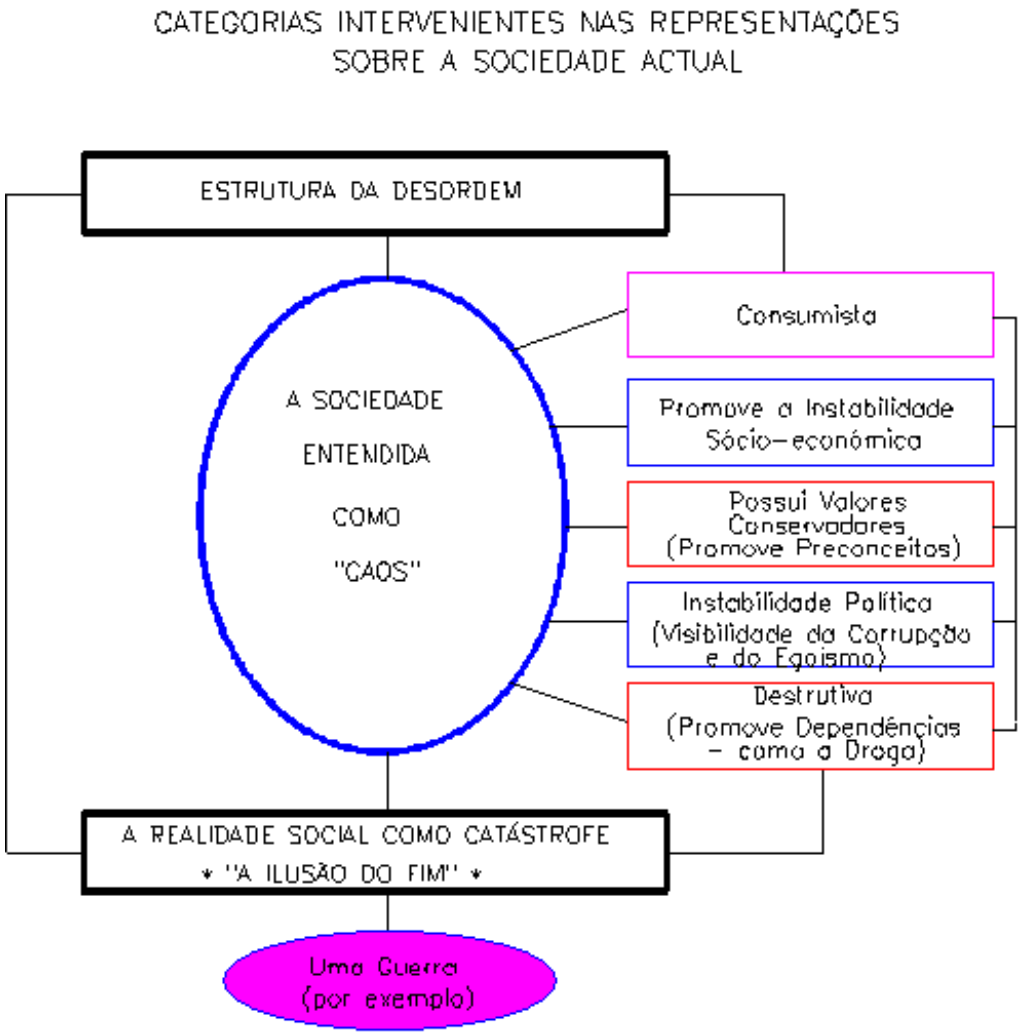
sociedade dominante, ainda que residam no mesmo bairro.
De acordo com os dados obtidos, a integração faz-se, de alguma forma, por via da profissão e do emprego ou por um investimento no estudo (possuem habilitações escolares superiores às do grupo antes referido) e ainda que se verifiquem situações de desemprego, estas são encaradas como momentos a ultrapassar. As próprias rupturas, incomunicabilidades e desagregações familiares não parecem ser assumidas de forma tão dramática como no caso do grupo anterior.
Neste caso, o abandono é mais esbatido e não chega a substituir a credibilidade que depositam nas suas próprias capacidades, permitindo a esperança de que os projectos que idealizam se tornem realidade, por forma a concretizar o ideal de felicidade, ainda que, em maioria sobrevalorizem o presente em detrimento do futuro.
Repare-se no seguinte:
"Tenho muitas ambições, tenho vontade de lutar por elas (...) tento estar activo e... saber tudo o que se passa à minha volta para melhor chegar onde eu quero. (...)
quero-me sentir bem comigo mesmo". (E1 - Sexo masculino; Desempregado; 21 anos).
"A juventude actual não está assim tão mal (...) se nós formos a falar da juventude dos toxicodependentes, bem aí coitados, estão perdidos. Mas também temos jovens estudantes universitários, que lutam por um governo melhor, por uma política melhor, por uma economia melhor". (E4 - Sexo feminino; Estudante de 12º ano de psicologia; 25 anos).

O entendimento da sociedade como "caos"

É um facto que o quotidiano se joga em torno dos desiguais recursos detidos por estes jovens, donde as suas singularidades biográficas se fundam em "fragilidades que condicionam, quer as suas capacidades de formularem e enunciarem projectos de vida, quer os limiares de escolha e de oportunidades" com que se deparam, geradores de constrangimentos tornados exclusão.[8]
Contudo, tais singularidades fundem-se na forma como o seu imaginário colectivo expressa o entendimento da realidade social actual como "geradora de catástrofes e na legibilidade da sociedade como caos".
Ora, tal entendimento inscreve-se numa "dúvida radical" (na acepção de Giddens) face a um futuro "incerto" e de "alto risco", marcando assim significativamente as representações da sociedade.[9]
Este tipo de interpretações e representações funda-se nesse contexto global (que é a família, o bairro e a sociedade em geral), contexto de uma aprendizagem social que inscreveu nos seus percursos a "desordem" e a ideia de "que o dia de amanhã pode ser muito mau" (quer através das suas vivências, quer através dos *media*, com a divulgação de todos os catastrofismos que marcam este tempo pelo mundo fora).
"Há um problema grave que é, desde muito cedo, eles têm a noção de que a perspectiva é um bocado assustadora e que não há perspectivas agradáveis de futuro, (...) portanto, isso destrói a ideia de esperança, que está relacionada, na minha ideia, com alguma perseverança para cumprir ideais e até para os ter (...). A informação massificada que eles têm através da televisão é demasiado sensacionalista e redutora". (E10 - Sexo masculino; Animador sóciocultural, CJ; 32 anos).
Legibilidades e representações características da modernidade, integradas no que Giddens designa por uma "cultura do risco", impregnam já as vivências quotidianas destes jovens.[10]

Em síntese, "perigos e riscos" espreitam a todo o momento, "transformando as desordens quotidianas numa sociedade caótica" — no seio da qual parece inscrever-se a dimensão do "medo", "a perspectiva de ser esmagado por ansiedades que alcançam as raízes mesmas do nosso sentido coerente de 'estar no mundo' (Op. Cit.; 33)".

Eis o esquema resultante da "análise categorial" sobre as representações face à sociedade actual.



As "identidades flexíveis"

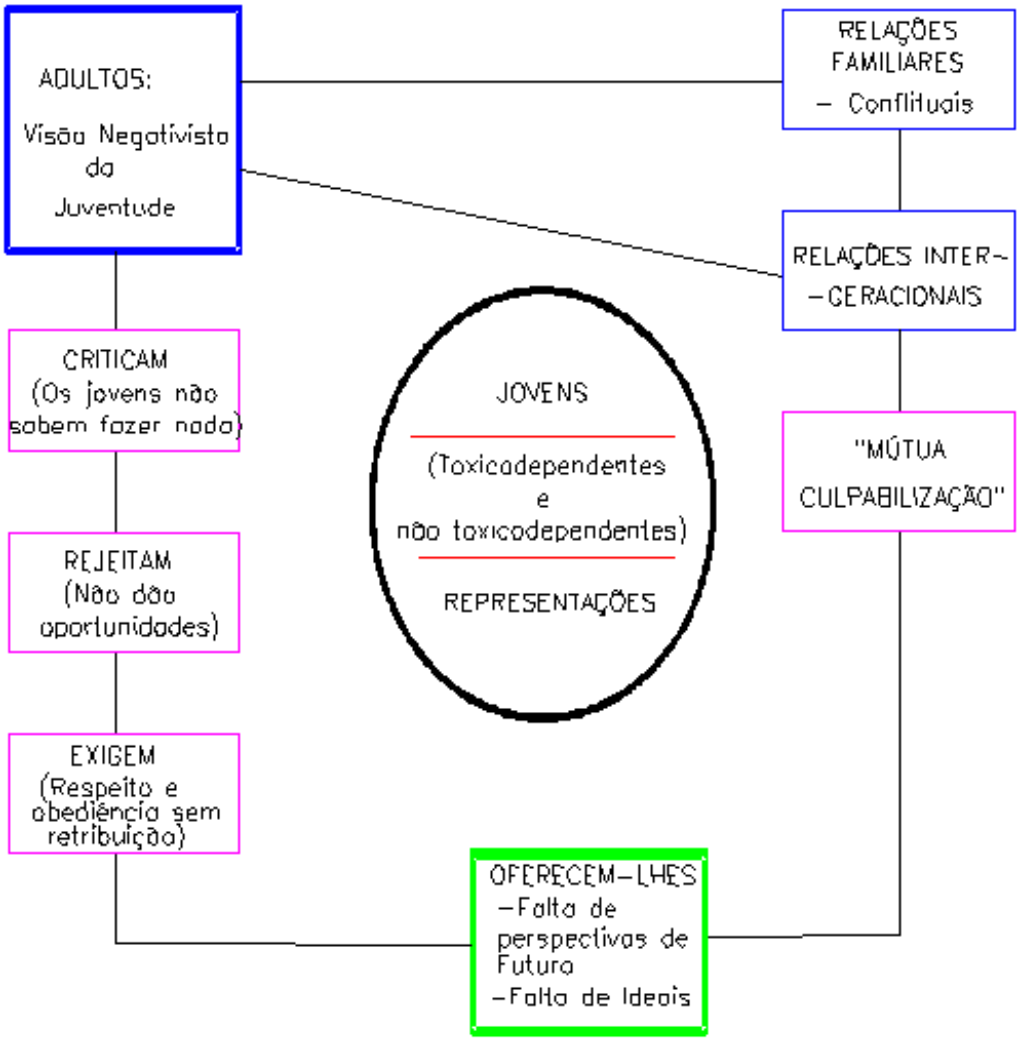
Esta questão das identidades flexíveis centra-se na relação entre "o prenúncio da sociedade flexível"[11] ligada a uma crescente flexibilização do dever e do trabalho e "uma mutação dos referentes identitários".[12] O que quer dizer-se é que antes, a passagem da adolescência para a adultez era efectuada, sensivelmente da mesma forma, de geração para geração, fazendo com que a identidade (nesse processo) alterada se mantivesse claramente delimitada. Actualmente, "nos contextos da modernidade (...) o *self* alterado tem de ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de ligação entre a mudança pessoal e a mudança social (Giddens, 1995: 29)". Recorde-se que assistimos hoje a múltiplas transformações — o trabalho assalariado, como foi criado e desenvolvido na sociedade industrial encontra-se em profunda transformação e, portanto, as identidades sociais dos indivíduos que se encontravam intimamente associadas ao emprego tendem a encontrar novos referenciais que as estruturem.
Por outro lado, as formas de lazer, detectadas através desta pesquisa, prenunciam a existência duma sociedade flexível e de plena actividade.[13] Elas prenunciam também os compromissos que tal tipo de sociedade estabelece com a precariedade imposta, fundada numa crescente selectividade do emprego, como se disse, por via da exigência da maximização das qualificações, numa articulação imprescindível entre o "saber ser" e o "saber fazer", promovendo, a par, um ensino pouco atraente e baseado em pressupostos universalistas, eles próprios conducentes à exclusão. Neste contexto Xavier Gaullier sublinha que, "nesta sociedade flexível, as identidades estruturam-se de outra forma. Fala-se de 'catástrofe identitária', é mais justo falar de «mutação» das identidades. Numerosos estudos têm mostrado a importância das múltiplas pertenças de cada um: no trabalho, mas também no consumo, nos lazeres, na família (...), assim como na individualização dos compromissos e dos investimentos. O trabalho não é a matriz única e central e as novas formas de individualismo encontram-se ligadas aos sinais de enfraquecimento institucional. Idades móveis e tempos incertos: um movimento permanente de socialização, dessocialização, ressocialização

(Gaullier, 1994; 56)".
É neste sentido que se pode "questionar se as identidades não passarão também a ser flexíveis", na medida em que assentam nas capacidades cognitivas, racionais e relacionais dos actores sociais escolherem como viver a vida, enunciado o seu próprio "projecto pessoal", sem que possa deixar de se referir que "as representações sobre o trabalho e as vivências da situação de desemprego continuem a constituir um referente fundamental indutor do sentido dos modos de vida e, inclusivé, dos projectos da maioria destes jovens".
Esta perspectiva fundamenta-se na relevância atribuída por estes actores sociais ao "trabalho como sobrevivência", na importância que o trabalho/emprego assume no seu imaginário colectivo, em termos de projectos e ainda pela importância que atribuem à inserção no trabalho os que já o possuem e mesmo os que se encontram no desemprego.
"(...) Hoje em dia as pessoas vivem do trabalho, trabalham aqui, saiem, vão trabalhar noutro sítio (E8 - Sexo masculino; Desempregado; Ex-toxicodependente; 21 anos)".
É, pois, com consciência das transformações que ocorrem na sociedade actual que estes jovens representam e configuram a realidade social que os cerca.
"Eu tenho consciência, desde o princípio, que se me meto nestas áreas, não posso procurar segurança no trabalho, naquela perspectiva em que tu trabalhas sempre no mesmo sítio e tens um horário, para além do que eu acho que isso é uma particularidade que esta vida, actualmente, cada vez mais tende a não existir (...). Tu podes é justificar a necessidade daquilo que estás a fazer, ou então ao contrário, haver necessidade do trabalho que tu sabes desenvolver, que quem te paga justifica que ele vá existindo (E10 - Sexo masculino; Animador sóciocultural; CJ; 32 anos)".
Sublinhe-se que os indícios empíricos confirmam que a exclusão face ao emprego e ao mercado de trabalho, remetem alguns destes jovens para caminhos alternativos de vida, conducentes a uma "delinquência de precariedade", cujo elemento estruturador é a toxicodependência. [14]
Contudo, a adaptabilidade necessária às situações quotidianas parece remeter para o prenúncio das identidades flexíveis.

As relações paradoxais com os adultos

No processo de construção das identidades sociais destes jovens interferem, significativamente, as relações paradoxais estabelecidas com os adultos. O que quer dizer-se é que, se por um lado, é possível verificar uma crescente "oposição geracional", em termos de manifestações comportamentais e de opiniões críticas: os enunciados das entrevistas apontam a geração mais velha como a responsável pelo actual estado dos acontecimentos, na esfera social, política, económica e mesmo na da reprodução dos quadros referenciais existentes; por outro lado, os adultos (pais) constituem (embora de forma conflitual) o seu "referencial identitário por excelência".
É neste sentido, que se podem definir as relações pais-filhos e, por extensão, as relações adultos-jovens como "paradoxais".
Vejam-se os seguintes depoimentos:
"(...) a maior parte dos adultos que a gente ouve falar, acha que os jovens são uns horrores, ninguém dá nada por ninguém, que é tudo mau. Mas isso também é mentira (...) (E9 - Sexo feminino; Desempregada; mãe solteira; 19 anos)".
"(...) quem está um bocadinho à cabeça de Portugal são os adultos, mas se os adultos não ajudam os jovens, os jovens precisam dum empurrão. É a mesma coisa que uma criança pra subir a um escorrega, o escorrega é tão alto que ela está sempre com medo e o que é que ela diz? Ó pai empurra-me. Uma vez que lhe dá um empurrão ela já desliza sozinha e atinge o seu objectivo que é descer o escorrega. (...) os jovens tomam o exemplo é nos adultos. De quem é o erro? Se os adultos não são capazes de ser pessoas honestas, como é que nós os jovens... (E4 - Sexo feminino; Estudante 12º ano de psicologia; 25 anos)".
Assim, através da apreensão de "imagens externas negativas" (emitidas pelos adultos), os jovens tornam-se "reactivos", fazendo com que o processo de construção identitária, fundado numa "afectividade" configurada também por críticas e repulsões se concretize por "oposição geracional".
As imagens negativas (cognitivamente apreendidas) são interiorizadas e, por sua vez, convocadas para o seio da família, fundamentando (em parte) a conflitualidade que, por sua vez, contribui para acentuar a visão "negativista" que os jovens revelam que os adultos possuem sobre eles e, mesmo constituindo o "referente identitário por excelência", tais relações são assumidas como relações conflituais de mútua culpabilização.
Veja-se, como síntese, o esquema que a análise de categorial permitiu.

SOBRE AS RELAÇÕES ADULTOS–JOVENS



O contexto social e a adesão à toxicodependência

No decorrer da pesquisa, tornou-se evidente a relação que se estabelece entre o "contexto de socialização" — o bairro, o grupo de pares, a escola e a família — e a "adesão à toxicodependência". Partiu-se do pressuposto que a toxicodependência ocorre num sistema aberto, relacional, profundamente complexo, possuindo não uma, mas várias incidências causais.
No caso dos toxicodependentes entrevistados, embora as formas de relacionamento estabelecidas no contexto familiar pareçam possuir uma importância fulcral no iniciar e no desenvolver de formas comportamentais relacionadas com o consumo de droga, não se pode esquecer a importância que jogam, nos grupos etários correspondentes à adolescência, as pertenças e vivências grupais (portanto, a socialização secundária), bem como a falência dos modelos escolares reprodutores de inadaptações várias (num contexto de precariedade global).
Registe-se a seguinte ilustração:
"Os jovens aqui não se dão com os pais, mais de 80% (...) andam sempre em conflito com os próprios pais e metem-se nisto e naquilo, ou porque roubam, ou porque não querem ir à escola. A única diferença é mesmo a mentalidade das épocas, porque eles viviam numa sociedade que hoje já é outra. (...) a gente tem de se adaptar de outra maneira (E1 - Sexo masculino; Desempregado; 21 anos)".
Foi ainda possível constatar, no caso de alguns actores sociais, que a primeira experiência terá ocorrido através de um parceiro, contudo, acaba por ser através do grupo restrito que a droga circula e o hábito de consumo se instala. Para estes actores sociais (embora sem se atribuírem culpas), o facto de a droga circular no seio do grupo surge como um factor fortemente indutor do seu consumo.
Assim, dificuldades de inserção primária parecem fazer com que a toxicodependência estabeleça a

ruptura com o modelo anterior de relação familiar.
"(...) é um círculo vicioso, que a gente só anda dentro daquela bolinha e quer sair e não consegue (...) (E5 - Sexo masculino; Marceneiro; Desempregado; Toxicodependente; 21 anos)".
Pode então dizer-se que "a interiorização de elementos duma cultura do risco", por parte destes jovens, parece contribuir para uma decisiva "colonização do futuro".[15] Ou seja, a percepção de um "futuro incerto" e de "alto risco" interfere, porventura decisivamente, na "ausência de enunciados" sobre os "projectos de vida".
O próprio "risco" da morte, que a toxicodependência coloca, pode reconhecer-se como a escolha de uma "estranha libertação" face a "constrangimentos sociais" com os quais se não consegue conviver. Esta adesão poderá estar em estreita relação com uma "concepção do mundo" baseada em valores dissonantes (entre a família, o contexto do bairro e a sociedade em geral), que povoam as experiências de vida destes jovens, actuando como referenciais selectivos, justificativos dos seus comportamentos sociais.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, João Ferreira de et.; CAPUCHA, Luís; COSTA, A. Firmino da; MACHADO, F. Luís; NICOLAU, I.; REIS, Elizabeth*, Exclusão Social — Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Celta Ed., Oeiras 1992.

ALMEIDA, João Ferreira de (1993), "*Integração social e exclusão social: algumas questões",* Análise Social, nºs 123-124, ICS, Lisboa, pp. 829-834

ALMEIDA, João F. de; PINTO, José M., (1982), A investigação nas ciências sociais, Editorial Presença, Lisboa.

BARDIN, Laurence (1977), Análise de Conteúdo, Edições 70, Lisboa.

BOUDON, Raymond, (1984), Os métodos em sociologia, Edições Rolim, Lisboa.

CASTELLS, Manuel, (1986) The Quality of Urban Life, Walter de Gruyer, Berlin, New York.

CLAPIER-VALLADON; POIRIER; RAYBAUT, (1995), Histórias de Vida, Teoria e Prática, Celta Editora, Oeiras.

CRUZ, B. et. al., (1984), "*A condição social da juventude portuguesa",* Análise Social, nºs 81-82, ICS, Lisboa, pp. 285-308.

DUBET, François, La Galére: Jeunes en survie, Movements 4, Fayard, Paris, 1987 (Até cap. viii).

ESTEVES, António Joaquim (1995), Jovens e Idosos, Família, Escola e Trabalho, Edições Afrontamento, Porto.

FERREIRA, V. M., (1985), "*O território urbano-metropolitano de Lisboa — teses para uma intervenção político-urbanística",* Sociedade e Território, Afrontamento, Porto.

Idem, (1993), "*Para além do campo e da cidade: elogio da urbanidade",* Actas do IIº Congresso Português de Sociologia, APS/Ed. Fragmentos, Lisboa.

GAULEJAC, V.; TABOADA-LEONETTI, I., (1994), La lutte des Places, EPI, Reconnaissanses, Paris.

GAULLIER, Xavier (1994), "*La société flexible"* in EME, Bernard; LAVILLE (orgs.), Cohésion Sociale et Emploi, Desclée de Brouwer, Paris, pp. 47-71.

GHIGLIONE; Rodolphe; MATALON, Benjamim, (1993), O Inquérito — Teoria e Prática, Celta Editora, Oeiras.

GIDDENS, Anthony, (1992), As Consequências da Modernidade, Celta Editora, Oeiras.

GIDDENS, Anthony, (1994), Modernidade e Identidade Pessoal, Celta Editora, Oeiras.

GLENNYS, P.; KENNETH, R., (1990), *"Culturas da juventude, transformação social e a transição para a vida adulta na Grã-Bretanha",* Análise Social, nºs 105-106, ICS, Lisboa.

GUERRA, Isabel, (1993) "*Modos de vida — novos percursos e novos conceitos",* Sociologia, Problemas e Práticas, nº 13, CIES/ISCTE, Lisboa.

Idem, (1993), "*Viver na periferia",* Sociedade e Território, nº 18, Ed. Afrontamento, Porto.

Idem, (1991), Changements Urbains et Modes de Vie dans la Péninsule de Setúbal de 1974 a 1986, Thèse pour le Doctorat en Sciences Sociales appliquées au Développement, Tours (não publicada).

HAGUETTE, Teresa, (1992), Metodologias qualitativas na sociologia, Vozes, Rio de Janeiro.

LIMA, Maria da Paz, (1992) Inserção na vida activa, emprego, desemprego em Portugal e na CEE, Cadernos do ICS, nº 1, Lisboa.

LIPOVETSKY, Giles (1994), O Crepúsculo do Dever, a Ética Indolor dos Novos Tempos Democráticos, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

MACHADO, P. (1991), "*Análise socioecológica de comunidades urbanas de habitação degradada",* Colóquio Viver Na Cidade, LNEC, Lisboa.

NICOLAU; PATRICIO; VENTURA (1995), "*Análise dos padrões de distribuição espaço-temporal dos ilícitos contra a propriedade na área de Lisboa: um estudo descritivo e comparativo"* in Sociedade e Território, nº 21, Afrontamento, Porto.

PAIS, J. Machado, "*Nas rotas do quotidiano",* Revista crítica de Ciências Sociais, nº 37, Coimbra, 1993.

Idem, (1990 a), "*Lazeres e sociabilidades juvenis - um ensaio de análise etnográfica",* Análise Social, nºs 108-109, ICS, Lisboa, pp. 591-644.

Idem, (1990 b), "*A construção sociológica da juventude",* Análise Social, nºs 105-106, ICS, Lisboa.

Idem, Culturas Juvenis, Col. Análise Social, INCM, Lisboa, 1993.

Idem, (1994), "*A vida como aventura: uma nova ética de lazer?"* in New Routes for Leisure — Actas do Congresso Mundial do Lazer / World Leisure Congress, 2, ICS, Universidade de Lisboa, Lisboa, pp. 99-110.

PINTO, José Madureira, (1991) "*Considerações Sobre a Produção Social de Identidade",* Revista crítica de Ciências Sociais, nº 32, Coimbra.

PINTO, José M.; SILVA, A. Santos (orgs), (1984), Metodologia das ciências sociais, Afrontamento, Porto.

QUEIRÓS, M. Cidália; PINTO, Madureira, (1990), "*Lugares de classe e aprendizagem social"* in Cadernos de Ciências Sociais, nºs. 8-9, Afrontamento, Porto, pp. 131-143.

RUSTANG, Guy (1994), *"Pour une économie politique"* in EME, Bernard; LAVILLE (orgs.), Cohésion Sociale et Emploi, Desclée de Brouwer, Paris.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1994), *"Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira",* in Pela mão de Alice, o Social e o Político na Pós-Modernidade, Edições Afrontamento, Porto, pp. 119-137.

SCHMIDT, L. (1990), "*Jovens: Família, dinheiro, autonomia",* Análise Social, nºs 108-109, ICS, Lisboa, pp. 645-643.

Idem, (1993), A procura e oferta cultural e os jovens, Cadernos do ICS, nº 6, Lisboa.

SCHNAPPER, Dominique (1994), L'épreuve du chômage, Gallimard, Saint-Amand, Paris.

SILVA, Manuela (1993), Educação e Sociedade de Risco, Gradiva, Lisboa.

SOCZKA, (1991), Transição escolar, identidade e comparação social em dois grupos de crianças de um bairro degradado, ITECS 8, LNEC, Lisboa.

TABOADA-LEONETTI, (1990), "*Stratégies identitaires et minorités: le point de vue du sociologue",* Stratégies Identitaires, PUF, Paris.

TAJFEL, (1982), Grupos humanos e categorias sociais, Livros Horizonte, Lisboa, 2 vols.

TORRES, Anália; WANDSCHENEIDER, M.; SOUSA, Paulo, Pobre: modos de ser e de parecer, ISCTE, 1992 (Texto policopiado)

TOURAINE, Alain (1994), Crítica da Modernidade, Instituto Piaget, Lisboa.

VALA, Jorge (1984), La Production Sociale de la Violence: Representations et Comportements, Thèse de docteur en Psycologie, Université Catholique de Louvain, Faculté de Psycologie et des Sciences de l'Education, Louvain.

VALA, Jorge (1986), "*A Análise de Conteúdo",* in SILVA; PINTO (Orgs.), Metodologia das Ciências Sociais, Edições Afrontamento, Porto, pp. 101-128.

VILAÇA, Helena, "*Território e Identidades na problemática dos movimentos sociais: algumas propostas de pesquisa",* Sociologia, 3, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1993.

WALGRAVE (1992), *Délinquance Systématisée des Jeunes et Vulnérabilité Sociétale*, Col. Déviance et Société, Ed. Médicine et Hygiène, Meridiens Klincksieck.

---

[1] A comunicação que agora se apresenta visa dar conta, de forma sintética, de alguns resultados de uma pesquisa de carácter exploratório, realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia do Território (ISCTE)

[2] Que funciona como uma estrutura mediadora entre os comportamentos e o meio, interpretando e organizando acções e experiências relevantes.

[3] Bairro Calouste Gulbenkian ou bairro das Fisgas, como é mais conhecido. Trata-se de um bairro de habitação social, situado no Concelho de Cascais.

[4] Devido a alguns imponderáveis metodológicos alheios à vontade da investigadora, este universo não pôde ser mais extensivo.

[5] Seguiram-se de perto as orientações metodológicas teórico-práticas de Poirier et. al. (1995) e de Isabel Guerra (1991).

[6] Para maiores especificações sobre esta questão, cf. Gonçalves, Alda (1995), "Construção Social de Identidades Juvenis, em Contexto de Exclusão Social**",** Tese de Mestrado em Sociologia do Território, ISCTE (não publicada). Particularmente, sobre os procedimentos metodológicos, cf., Poirier et. al. (1995) e I. Guerra (1991).

[7] Esta designação é inspirada na perspectiva de Lode Walgrave (1992), considerando-se que este tipo de delinquência se enraíza nas condições de precariedade social dos jovens. Este tipo de "modo de vida" apresenta algumas características específicas: quanto ao fenómeno, trata-se de um tipo de delinquência persistente; ao nível do actor social, ela possui um carácter relativamente estruturado; ao nível explicativo, relaciona-se com as referidas condições de existência, num contexto de precariedade social global. Atesta portanto, uma

vulnerabilidade que, mais do que social, é societal, porque se reporta às condições estruturais da sociedade como um todo.

[8] Aos quais uns tentam escapar, esforçando-se por se integrarem, enquanto outros permanecem enredados nas suas teias.

[9] Tomando ainda a concepção de Giddens como referência.

[10] A “cultura do risco" é, nas concepções de Giddens, um “aspecto fundamental da modernidade, pelo qual a consciência do risco constitui um meio de colonização do futuro," (Giddens, 1995; 207).
Esta “colonização do futuro" pressupõe a “criação de territórios de possibilidades futuras, por via da simulação." (Idem)

[11] Sobre o significado da expressão, ver Gaullier, (1994), “La société flexible”, *in* Eme; Laville (orgs), “Cohésion Sociale et Emploi**”,** Desclée de Brouwer, Paris, pp. 47-71. Ver também Gonçalves, Alda, (1995) “Construção Social de Identidades Juvenis em Contexto de Exclusão Social”, Tese de Mestrado em Sociologia do Território, ISCTE (Não publicada).

[12] Os dados disponíveis apontam para o facto de que uma parte dos jovens entrevistados têm já consciência do seu surgimento.

[13] Ainda que algumas se reportem ao nosso “terceiro mundo interior”, como refere Boaventura de Sousa Santos (1993: 17).

[14] Esta “delinquência de precariedade" é aqui entendida como um modo de vida, cujo objectivo fundamental é a sobrevivência, como, aliás, se referiu em nota anterior — cf. nota (6). Cf. a este respeito: Walgrave (1992), DÉLINQUANCE Systématisée des jeunes et Vulnérabilité Sociétale**,** Ed. Médicine et Hygiène, Meridiens Klincksieck.

[15] Cf. nota da página 4 da presente comunicação.